

COMPETÊNCIAS EMOCIONAIS E O PAPEL DO PROFESSOR ORIENTADOR NO DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU

Resumo: Este artigo relata uma pesquisa realizada com alunos de Pós-graduação *Lato Sensu* em uma Instituição de Ensino Superior (IES) de Porto Alegre (POA) / Rio Grande do Sul (RS) / Brasil (BRA). Essa pesquisa teve como objetivo investigar as percepções dos alunos sobre as competências do professor orientador e o papel deste na sua formação e desenvolvimento. O tema foi escolhido considerando alguns aspectos: importância do processo de orientação dos professores de Pós-graduação *Lato Sensu* para a produção de trabalhos de melhor qualidade; necessidade das IES de obterem professores com competências específicas para atuarem como orientadores; o processo de orientação como contribuinte para a formação e o desenvolvimento dos alunos; e a pouca produção de estudos sobre este assunto. A metodologia utilizou o “questionário” como instrumento, o qual foi enviado por e-mail aos alunos. Os dados foram analisados e a partir da Análise Textual Discursiva (ATD), que compreende a análise e a síntese dos dados a partir de uma leitura rigorosa e profunda dos materiais textuais, descrevendo-os e interpretando-os para a melhor compreensão. Os resultados demonstraram que a obtenção de determinadas competências, tanto comportamentais quanto técnicas, reforçam a melhor atuação do professor orientador e contribuem para a formação e o desenvolvimento dos alunos. Foi concluído que professores melhores preparados promovem uma orientação mais eficaz o que permite a construção de trabalhos de melhor qualidade e alunos mais bem preparados para o mercado de trabalho.

Palavras-chave: orientação, ensino superior, competências docentes.

Introdução

O presente trabalho apresenta as reflexões da autora acerca da temática e dos resultados da pesquisa realizada com alunos de Pós-graduação *Lato Sensu* “MBA em Gestão de Pessoas” de uma Instituição de Ensino Superior (IES) de Porto Alegre/RS, cujo objetivo foi investigar qual a percepção desses alunos sobre o papel do seu professor orientador e as contribuições para a sua formação e desenvolvimento.

O tema foi escolhido considerando poucos estudos sobre este assunto no âmbito da Pós-graduação *Lato Sensu* além dos objetivos acima referidos. Outro aspecto considerado foi necessidade de aprofundar conhecimentos em torno desta temática que poderão colaborar para o planejamento de uma boa orientação com vistas à formação e desenvolvimento dos alunos.

Com base nisso, foi considerado como problema de pesquisa: **quais as percepções dos alunos sobre o papel do professor orientador em sua formação e desenvolvimento.**

Este artigo parte do Estado do Conhecimento, ou seja, a identificação, registro e categorização de produções científicas de determinadas áreas, em um determinado espaço de tempo, que envolvem periódicos, teses, dissertações e livros de áreas específicas (Morosini e Fernandes, 2014), de estudos no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que contemplou também uma análise teórica e conceitual sobre o ensino superior e o papel do professor orientador e suas competências para a promoção de uma educação de qualidade e formação dos alunos. Essa pesquisa buscou identificar os estudos sobre este tema. A busca inicial selecionou, por título, ‘papel do orientado de pós-graduação’, sendo encontrados 987.170 trabalhos de Mestrado, Doutorado e Mestrado Profissionalizante. Refinando a pesquisa, e considerando como grande área de conhecimento as Ciências Humanas, apareceram 114.602 trabalhos. Especificando ainda mais, os dados reduziram, aparecendo 42.418 na área da Educação, sendo 8.205 de Doutorado. A partir disso foi observada a relevância do tema para estudo, visto que a grande maioria refere-se à Pós-graduação Stricto Sensu, não havendo trabalhos sobre o papel do orientador em Lato Sensu na área da Educação.

O Ensino Superior em questão

As questões no entorno do Ensino Superior, especificamente no Brasil, tem ocupado espaço importante nas análises e preocupações dos estudiosos da Educação. O contexto de transição na Educação Superior foi marcado pela expansão acelerada, por políticas de diversificação, pela privatização e por tendências democratizantes, comandadas pela centralização estatal, juntamente com a busca pela inovação.

Morosini (2000) destaca, a partir das definições da Rede Sul-brasileira de Investigadores em Educação Superior (RIES), que os contextos emergentes da Educação Superior se caracterizam pelas configurações observadas em sociedades contemporâneas e que convivem em tensão com concepções preexistentes que repercutem tendências historicamente construídas. As transformações dos últimos anos reforçam a necessidade de informações precisas, atualizadas e diagnósticos que deem conta de compreender e repensar o papel dos principais agentes desse processo seja eles governo, IES, docentes e discentes.

Para Chamlian (2003) o Ensino Superior no Brasil apresenta-se hoje com uma estrutura de proporções consideráveis e complexas, comparadas as de 40 anos atrás. Esse

aumento ocorreu especialmente pela atuação majoritária da iniciativa privada que viu no Ensino Superior um mercado lucrativo a ser explorado.

Embora a Educação Superior seja ainda de elite (a taxa de educação superior é 17,6%), convivemos com novos formatos de IES, novos docentes, novos discentes, novos currículos, novas exigências da sociedade, do mercado a partir de um contexto de globalização (MOROSINI e FERNANDES, 2014).

Além destas questões, encontram-se também preocupações com o aprendizado e a formação dos alunos, bem como o papel do orientador dos cursos de Pós-graduação, em especial no *Lato Sensu*. Cabe analisar aspectos que envolvem este professor, que tem a responsabilidade de auxiliar seus alunos no processo de aprendizado, além de apoiá-los na construção de trabalhos no seu curso, aspectos são fundamentais para a formação desse aluno.

O papel do professor orientador e suas competências no processo de formação do aluno

A identidade do professor do Ensino Superior muitas vezes é construída em torno da produção científica ou de atividades produtivas que geram mérito acadêmico e, conseqüentemente, retorno financeiro. A atividade da docência em sala de aula é colocada em um plano de menor importância.

Zabalza (2004, p. 107) evidencia essa situação quando afirma que “o lugar onde se deposita a identidade é no conhecimento sobre a especialidade e não no conhecimento sobre a docência”. O autor considera o docente universitário como uma categoria de identidade profissional indefinida. Tais características da profissão devem ser levadas em consideração no processo de reflexão sobre a formação e o desenvolvimento de competência dos professores nos contextos emergentes.

Considerando o tipo de graduação realizada, encontramos exercendo a docência universitária professores com formação didática obtida em cursos de licenciatura, outros que trazem sua experiência profissional para a sala de aula, e ainda outros sem experiência profissional ou didática, oriundos de Curso de Especialização e/ou *Lato Sensu*. O fator definidor da seleção de professores, até então, é a competência científica (MOROSINI, 2000).

Quando nos reportamos às competências do docente do Ensino Superior, não há uma unidade. Exige-se, cada vez mais, capacitação permanente em cursos de pós-graduação na área de conhecimento e o grande questionamento ainda é: o docente está preparado didaticamente para o exercício acadêmico?

Palmer (2012, p. 26) define competência afirmando que “todo professor age a partir de teorias pessoais, de conhecimentos tácitos, de crenças e suposições que constituem o seu referencial pedagógico”.

É preciso então, considerar a importância dos saberes das áreas de conhecimento (ninguém ensina o que não sabe), dos saberes pedagógicos (pois o ensinar é uma prática educativa que tem diferentes e diversas direções de sentido na formação do humano), dos saberes didáticos (que tratam da articulação da teoria da educação e da teoria de ensino para ensinar nas situações contextualizadas) e dos saberes da experiência do sujeito professor (que dizem do modo como nos apropriamos do ser professor em nossa vida). Esses saberes se dirigem às situações de ensinar e com elas dialogam, revendo-se, redirecionando-se, ampliando-se e criando, conforme PIMENTA e ANASTASIOU (2002).

Assim como estas autoras, que ressaltam a importância dos saberes didáticos, que articulam a teoria da Educação ao ensino em situações contextualizadas, Oliveira (2013) considera que o caminho para adquirir as competências da profissão requer a criação de situações de aprendizagem práticas. O futuro professor precisa desenvolver as habilidades e as competências inerentes à profissão docente, assim como apropriar-se do conjunto de conhecimentos relativos à aprendizagem de seus alunos.

É preciso refletir, então, sobre as questões que envolvem o papel do orientador, que também deve ter habilidades e competências para tal atividade, por vezes iguais e/ou por vezes diferentes do professor de sala de aula.

Considerando, que o processo de orientação pressupõe estabelecer uma relação entre o orientador-aluno, cabe ao professor, segundo Mosquera (1984, p. 93) “ser suficientemente maduro para que, em primeiro lugar, possa viver com uma consciência das necessidades básicas próprias e das dos outros”, pois são a partir dela que se constroem os laços de respeito, cumplicidade, confiança, identidade e afetividade, habilidades necessárias para o bom andamento dos seus trabalhos e escritos. Esta relação interpessoal é, para Zilberman (2002), um processo de aprendizagem mútua e contínua representado pela relação orientador-orientando, sendo provavelmente a principal novidade da Educação e da Ciência brasileira nos últimos 30 anos do século XX.

Para Bianchetti e Machado (2002, p. 231), o papel do orientador é “ajudar o orientando a descobrir o que quer investigar, delimitando seu tema/hipótese de trabalho”, cabendo a ele auxiliar com autonomia e competência seu aluno, definir prazos, acompanhar os passos seus passos e ajudar ele a construir o seu trabalho partindo da sua autoria e do seu modo de escrever.

Com isso, fica claro que, tanto professor quanto orientador, necessitam possuir habilidades e competências complementares e distintas, cabendo-lhes ter consciência dessas habilidades para buscar o seu desenvolvimento constante de modo a contribuir com os trabalhos dos alunos que culminam com a sua formação.

Método

A partir do objetivo dessa pesquisa foi utilizada a metodologia qualitativa, considerando a possibilidade de obter uma análise mais aprofundada das percepções dos alunos que contemplam os fenômenos humanos e a subjetividade. A pesquisa qualitativa se preocupa com questões de realidade que não podem ser quantificadas ou medidas, abrangendo dados de significado como motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes dos pesquisados (Minayo, Deslandes e Gomes, 2011).

Os sujeitos da pesquisa foram 12 alunos da disciplina de Endomarketing, do MBA em Gestão de Pessoas de uma IES de POA/RS/BRA. Os mesmos foram escolhidos pela facilidade de acesso da autora a eles, pois atua como professora convidada da IES pesquisada.

Como instrumento, foram utilizados questionários com perguntas abertas, enviados por e-mail, com as seguintes questões: Relate como você escolheu o seu professor orientador; Para você, qual o papel do professor orientador; Que competências consideras importantes para um professor ser orientador; Qual sua percepção sobre aspectos de aprendizagem nas relações entre seu orientador e você; Qual sua percepção sobre aspectos de ensino nas relações entre seu orientador e você; Qual sua percepção sobre aspectos de afetividade nas relações entre seu orientador e você; Qual sua percepção sobre aspectos sociais nas relações entre seu orientador e você.

A coleta foi realizada durante 30 dias, com retorno de 40% das pesquisas (5 alunos).

Para a análise dos dados, foi utilizada a metodologia de ATD, definida por Moraes e Galiuzzi (2007) como um processo integrado que possibilita uma análise mais profunda dos materiais coletados de forma a escrevê-los e interpretá-los. Esse método envolve coleta, análise dos textos e documentos, unitarização das informações, categorização e produção dos metatextos finais de análise.

A partir desta metodologia, os autores afirmam que é possível definir uma lógica do objeto analisado, sendo esta a construção fundamental do pesquisador, onde a análise qualitativa é mais do que uma mera classificação de opinião dos pesquisados.

A ATD é ainda, uma tempestade de luz, uma explosão de ideias, um quebra-cabeças ou um mosaico, o que permite o surgimento de *insights* do caos e da desordem, onde as ideias

são raios de luz e ajudam a compreender e interpretar os dados. Além disso, a explosão de ideias está relacionada a desconstrução e reconstrução das informações coletadas, geradas no processo de unitarização a partir de sua matéria-prima (*corpus*). Desta unitarização é feita a construção dos quebra-cabeças ou mosaicos, que transformam os dados, reorganizados, em categorias, que podem ser preestabelecidas (chamadas de *à priori*) ou construídas ao longo do processo, colando os pedaços do seu mosaico de forma desordenada (as quais chamam de categorias emergentes). A categorização é um processo de comparação entre as unidades pré-definidas agrupando e reunindo os elementos semelhantes (Moraes e Galizazi, 2007).

Resultados

A seguir serão apresentados os resultados da pesquisa considerando as respostas dos alunos aos questionários. Serão apresentados apenas alguns exemplos das respostas deles para uma melhor compreensão da metodologia utilizada e dos comentários e observações acerca das mesmas. Para cada aluno foi utilizado um número de referência, respeitando a sua identidade, sendo Aluno 1 – A1, aluno 2 – A2, e assim por diante.

São 7 as categorias definidas, surgidas das questões pré-definidas nos questionários:

Categoria 1: Escolha do orientador:

Exemplo A3 (aluno 3): *“Escolhi meu orientador, primeiramente, porque senti uma grande empatia, confiança. Acredito que a identificação com a pessoa com quem irá te orientar é fundamental para a construção de um bom trabalho. Se você escolher uma pessoa a qual não se identifique, será mais difícil seguir em frente. No meu caso também foi à última professora que fiz disciplina no MBA, após ter largado por um tempo, retornei para concluir esta disciplina e escrever o artigo final, mas a escolha não foi somente por ter sido a última professora, mas sim por ter sentido essa empatia”*.

Nessa categoria percebe-se que a maioria dos alunos escolheu o seu orientador a partir das aulas ministradas nas quais puderam perceber o conhecimento dele sobre o assunto. Além disso, a empatia e confiança foram aspectos citados como importantes para esta escolha. Um deles mencionou *“a identificação com a pessoa com quem irá te orientar é fundamental para a construção de um bom trabalho”*. Somente um aluno citou que o orientador foi escolhido pelo coordenador do curso, conforme o tema de interesse do aluno.

Categoria 2: Papel do orientador:

Exemplo A2: *“O papel do orientador é dar dicas e tirar dúvidas do aluno para realizar a entrega do trabalho com qualidade e no menor prazo possível”*.

Nesta categoria os alunos tiveram opiniões semelhantes, sendo todas relacionadas a aspectos comportamentais do professor orientador no processo de orientação. Expressões como: suportar e auxiliar o orientando, dar dicas, tirar dúvidas, dar a direção correta, organizar e dar ideias, dar incentivo e motivação, dar segurança, ajudar a encontrar soluções, foram citadas por eles em suas respostas. Também apareceram elementos como ‘abraço e carisma’ que demonstram aspectos de cunho afetivo e pessoais que podem contribuir na orientação.

Categoria 3: Competências importantes para um professor ser orientador:

Exemplo A5 – *“O orientador deve ser um bom ouvinte, ser paciente, ser claro em suas observações, ter empatia”*.

Com relação às competências do orientador, os alunos tiveram opiniões diversas, considerando tanto aspectos comportamentais como técnicos. Características como didática, conhecimento do conteúdo, empatia e motivação, acessibilidade, direcionamento, foram questões que apareceram nas suas respostas.

Categoria 4: Percepção sobre aspectos de aprendizagem:

Exemplo A1: *“O orientador tem o papel de indicar o melhor caminho para que o tema seja o mais explorado possível assim também que ambos agreguem conhecimento com pontos de vistas diferentes sobre o mesmo item em análise”*.

Com relação aos aspectos de aprendizagem, os alunos também tiveram opiniões diversas, referindo-se a experiência do orientador, motivação e sensibilização do aluno para repensar ações, indicar o melhor caminho, agregar conhecimento, trazer colaborações sobre aspectos de aprendizagem, indicar livros, artigos, estabelecer e construir uma boa relação com o orientando. Todas essas respostas demonstraram a importância deste processo para a formação e o desenvolvimento do aluno.

Categoria 5: Aspectos de ensino nas relações entre orientador-orientando:

Exemplo A5: *“Na minha percepção o orientador deve ajudar dando autonomia para o aluno produzir, foi assim com minha orientadora, tive muita ajuda pois dominava o assunto mas também me deu autonomia para buscar mais informações”*.

Nesta categoria também houve divergências nas opiniões. Observa-se que cada aluno possui uma interpretação diferente. Essas diferenças demonstram o quanto cada ser humano é um ser com habilidades e atitudes individuais e pessoais, cada pessoa é diferente, cada um possui percepções diferentes, vê as coisas com o seu olhar, diferente do outro.

Como já dizia Boff (2000, p. 37), “[...] o ser humano é um projeto infinito. Um projeto que não encontra nesse mundo um quadro para sua realização. Por isso é um errante, em

busca de novos mundos e novas paisagens”, e o ser humano é, ainda, “[...] um projeto ilimitado, transcendente, não dá para ser enquadrado”.

O mesmo também foi referido por Mosquera (1984, p. 85), quando cita que o professor “[...] é primeiramente um ser humano, com seus potenciais energéticos, suas ideias, estruturas mentais e limitações”. Estes autores confirmam o que foi citado pelos alunos, confirmando que cada pessoa uma pessoa, única, individual.

Categoria 6: Percepção sobre aspectos de afetividade:

Exemplo A2: *“Interesse do orientador nas atividades propostas ao aluno, amizade e uma boa parceria com comunicação clara contam muito”*.

Exemplo A5: *“A relação afetiva entre orientador e orientado é muito importante, dificilmente você vai conseguir fazer um bom trabalho se não tiver uma boa relação com o orientador. Durante o período da orientação tive muitas dúvidas sobre o trabalho e a boa relação afetiva com minha orientadora me ajudou muito”*.

Para os alunos, a relação afetiva auxilia para que o trabalho flua com mais facilidade e harmonia, a amizade e uma boa parceria contam muito, os aspectos afetivos criam uma relação bem legal, aproximam, criam vínculos, uma relação com transparência e sinceridade, a relação afetiva entre orientador e orientado é muito importante, dificilmente você vai conseguir fazer um bom trabalho se não tiver uma boa relação com o orientador. Todos concordam que a afetividade aproxima e cria vínculo entre o orientador-orientando, sendo fundamentais para a conclusão do trabalho.

Categoria 7: Aspectos sociais entre orientador-orientando:

Exemplo A3: *“Minhas percepções sobre os aspectos sociais são positivos, a relação construída foi além da orientação e não se limita a este trabalho, para mim o que faz sentido e o que fica de aprendizado é isso, além do aprendizado e a conclusão do trabalho, a construção do conhecimento, é a relação e o vínculo com novas pessoas, neste caso com a orientadora que se fez importante para a conclusão desta etapa”*.

Finalizando as interpretações com relação a cada categoria, nesta última os alunos comentam que este mantém a continuidade e a boa relação entre os dois e a maioria comentou que tais aspectos possibilitam o sucesso na entrega do trabalho. Além disso, a atuação como mediador contribui para o aprendizado e a criação de senso crítico pelo aluno diante da sociedade.

Considerações Finais

Considerando os retornos obtidos nas respostas e lembrando que o objetivo principal foi investigar qual a percepção dos alunos de Pós-graduação *Lato Sensu* em uma IES de POA sobre o papel do seu professor orientador e as contribuições para a sua formação e desenvolvimento, conclui-se que as percepções obtidas respondem a temática deste trabalho de modo que os alunos percebem qual o papel do professor orientador e consideram de fundamental importância para o sucesso dos seus trabalhos.

Tanto competências comportamentais como técnicas foram identificadas pelos sujeitos que confirmaram que o papel do orientador contribui para a sua formação e desenvolvimento, considerando que o conhecimento técnico, a didática, o apoio, a relação construída, a afinidade, a afetividade e empatia, bem como outras habilidades por eles mencionadas possibilitaram a realização dos seus trabalhos além da aquisição de conhecimento.

Contudo, conclui-se que esta pesquisa pode contribuir para que os orientadores dos cursos de Pós-graduação *Lato Sensu* busquem cada vez mais o seu autodesenvolvimento de modo a reforçar seus aspectos comportamentais para um bom processo de orientação. Além disso, buscar o aprendizado constante também contribui para a melhor condução das orientações junto aos seus alunos-orientandos, tanto no processo de escolha do professor mais adequado para conduzi-lo na construção do seu trabalho, quanto para ajudá-lo na sua formação e desenvolvimento.

Por fim, para as instituições de ensino também é importante que estas desenvolvam e mantenham profissionais capacitados, tanto para atuarem em sala de aula, quanto para realizarem a atividade de orientação, estabelecendo critérios adequados e bem estruturados, lembrando também do apoio aos alunos no processo de escolha do profissional que mais se adequar ao tema de estudo e as necessidades individuais de cada um. Com isso, será possível obter melhores resultados frente às exigências de cada programa e instituição, contribuindo para a construção de um ensino e uma Educação de qualidade, com trabalhos que agreguem na formação de uma sociedade melhor.

Referências

1. ANDER-EGG, E. **Métodos y técnicas de investigación social:** técnica para recogida de datos e información. Buenos Aires: Lúmen, 2003.
2. BOFF, L. **Tempo de transcendência:** o ser humano como um projeto infinito. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

3. BRASIL. Coordenação De Aperfeiçoamento De Pessoal De Nível Superior- CAPES. **Banco de Teses e Dissertações**. Acesso 18 jul. 2015. Disponível em:
<<http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses> >.
4. CHAMLIAN, H. C. Docência na Universidade: professores inovadores na USP. **Cadernos de Pesquisa**, n. 118, p. 41- 64, 2003.
5. MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (orgs.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 30. Ed. Petrópolis-RJ; Vozes, 2011.
6. MORAES, R.; GALIAZZI, M. do C. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2007.
7. MARQUES, M. O. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. (Orgs.). **A Bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. Florianópolis/São Paulo: Editora da UFSC/Cortez, 2002.
8. MOSQUERA, J. J. M. **Psicodinâmica do aprender**. 3. Ed. Porto Alegre: Sulina, 1984.
9. MOROSINI, M. C. Docência universitária e os desafios da realidade nacional. In: MOROSINI, M. C. (Org.). **Professor do ensino superior: identidade, docência e formação**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2000. p. 11- 20. Disponível em <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R1649-1.pdf> Acesso 1 maio 2018.
10. PALMER, Parker J. **A coragem de ensinar: a vocação as dificuldades e o potencial transformador de um professor**. São Paulo: Boa Prosa, 2012.
11. PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.
12. RUZZARIN, R.; AMARAL, A. P. do; SIMIONOVSKI, M. Sistema integrado de gestão de pessoas com base em competências. Porto Alegre: AGE, 2006.
13. ZABALZA, M. A. O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre: ArtMED, 2004.
14. ZILBERMANN, R. Orientação: a aventura compartilhada. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. (Orgs.). **A Bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. Florianópolis/São Paulo: Editora da UFSC/Cortez, 2002.